

Júlia, Sabrina e outras mulheres: os romances do coração como fenômenos de Comunicação

Elen Geraldêsⁱ

Liliane Machadoⁱⁱ

Muitos autores (SCALZO: 2003) atribuem como principal característica do gênero magazine a diversidade. A linguagem pode variar da sisudez à leveza; a programação visual também costuma seguir estilos diferentes, as temáticas são amplas o suficiente para comportarem informação, entretenimento, serviços. Acreditamos, porém, que outra característica é hegemônica entre as revistas – a construção de um leitor ideal ao qual elas se destinam e pelos quais se movem, em busca da fidelização, focadas em seus interesses, interagindo com suas demandas. Esse leitor ideal frequentemente é muito distante do real e até do possível, mas é uma ficção que agrada o público e os produtores culturais, faz parte do “contrato de leitura” dos veículos e é um campo fértil para o estudo da Comunicação.

Fundada em 1966 como uma divisão da Abril Cultural, a Editora Nova Cultural atingiu seu maior sucesso, no país, com a **Bíblia Ilustrada**, mas teve outros lançamentos que ultrapassaram a casa do milhão, como a **Enciclopédia Conhecer**, **Medicina e Saúde** e os chamados “romances do coração”. Essas séries românticas, mais conhecidas pela tríade **Júlia, Sabrina e Bianca**, mas também integradas por **Momentos Íntimos** e **Clássicos Históricos**, há quase trinta anos têm ocupado o espaço das fotonovelas. Embora tenham especificidades – **Clássicos Históricos** situa-se na Idade Média ou no século XIX, preferencialmente, e **Júlia Sensual** traz descrições mais detalhadas dos encontros sexuais dos apaixonados, todas focam na paixão entre um homem e uma mulher e na apologia do casamento.

Um dos desafios de estudar os romances sentimentais é sua ambiguidade. São literatura? São produtos midiáticos? Conferem a seus autores autonomia ou se prendem a fórmulas/formas? Seguem as tradições do melodrama ou remetem a outra gênese? E como concebem suas leitoras, neste mundo, segundo Giddens (1993), de monogâmias serializadas, em que tudo parece conspirar contra os finais felizes? Para incrementar esse desafio, há o silêncio da academia. Talvez esses romances não sejam considerados

“assunto sério”, talvez sejam vistos como muito “transparentes”, por isso são preteridos ou pouco escolhidos como objeto de estudo.

Há várias possibilidades de análise dos “romances do coração”. Uma delas é o esmiuçamento de seu conteúdo, que provavelmente revelará estereótipos sobre homens, mulheres, relacionamentos. Outra possibilidade é buscar essa leitora, e escutá-la, compreendê-la e situá-la em relação às expectativas amorosas da contemporaneidade. Mas nosso objetivo é apreender a leitora “criada” pelas séries e colocá-la em diálogo com os desafios da complexidade: um mundo “desencantado”, dominado pela técnica, de insegurança ontológica, de possibilidades caóticas. Para isso, tentaremos entender o que os romances dizem e como dizem, para chegarmos a quem eles pretendem dizer.

Nossas teorias de apoio serão a culturoológica, fundamentada principalmente na obra de um de seus autores exponenciais, o filósofo francês Edgar Morin (2007), as representações sociais e os estudos feministas e de gênero. Os romances emergem, dessa leitura, não como produtos “banais” da cultura midiática, mas como testemunhas da sobrevivência dos “ídolos da tribo”, valores resistentes ao pragmatismo e à lógica, à eficiência e à técnica, “marcas de um grupo” e de uma forma de ver o mundo, e como formas de reforço de um processo de subjetivação das mulheres.

Moreno rico, bonito e sensual

Guerreiro viking, cavaleiro medieval ou milionário texano, os homens dos romances sentimentais vão bem de finanças. Normalmente têm muito dinheiro, ou lutam para reconstituir o patrimônio familiar, injustamente saqueado. Poderosos, de famílias tradicionais e abastadas, se contemporâneos ocupam profissões e cargos de prestígio, como diretores-presidentes de empresas. Já no aspecto afetivo, também são pessoas de sucesso. Experientes, colecionam conquistas. Muitos deles são exóticos – estrangeiros, mestiços, de origem latina. São sempre descritos como muito atraentes, embora fujam com frequência da beleza clássica.

Já as mulheres, nos romances do coração, têm profissões mais alternativas, como funcionárias de galerias de arte ou professora de etiqueta, e normalmente ocupam cargos de apoio. Mesmo as heroínas contemporâneas são extremamente inexperientes – são virgens ou tiveram apenas um parceiro sexual anteriormente. O temperamento varia,

mas não muito: a maioria é tímida e recatada, algumas são simpáticas, mas desastradas. A racionalidade não é sua característica principal: em praticamente todas as edições, as mulheres condenam-se por agir impulsivamente e por não conseguirem reprimir suas emoções. Um traço comum é pertencerem a famílias típicas, “comuns”. São bonitas, embora não deslumbrantes.

Os personagens secundários são um capítulo à parte. Os homens contemporâneos parecem não ter amigos. São individualistas, acostumados a decisões solitárias. Já os personagens “históricos” costumam ter um aliado, que luta ao seu lado, e é também forte e bonito, mas não tanto quanto o protagonista. As protagonistas têm amigas próximas e, muitas vezes, estão cercadas por um ou mais membros da família. Enquanto o trabalho ocupa a centralidade da vida desses homens, os relacionamentos são o aspecto mais importante da vida dessas mulheres.

Os romances, em geral, obedecem a três etapas. Na primeira, as personagens principais se conhecem. Como a narrativa se centraliza no ponto de vista feminino, percebe-se, desde o primeiro momento, uma atração por parte da mulher. O homem é um mistério. Com a autoestima em geral baixa, a protagonista duvida que um homem como aquele se interesse por uma mulher como ela. No segundo momento, costuma se desenvolver um jogo de aproximação e afastamento. O pano de fundo são paisagens exuberantes e lugares requintados. São evitadas, porém, grandes descrições. Uma ilha da Oceania e uma pequena cidade da América Central diferenciam-se muito pouco, são pasteurizadas como cenários, há apenas um toque da culinária ou dos costumes locais. A aproximação física é lenta, mas quando o primeiro beijo ocorre, normalmente é intenso. A terceira etapa é a rendição da heroína. Ela reconhece para si mesma que está apaixonada. Há várias pistas sobre os sentimentos masculinos, mas o protagonista ainda é indecifrável. Conflitos e mal-entendidos conspiram para separar os amantes. No entanto, normalmente após uma relação sexual intensa e inesquecível, tudo é esclarecido e o homem se declara. Acena-se com um casamento ou uma relação duradoura.

O sexo é um capítulo à parte. Com exceção de **Júlia Sensual**, com descrições mais minuciosas, os “romances do coração” centralizam-se em mostrar os beijos apaixonados do casal, seguidos por carícias narradas rapidamente, e sempre falam do arrebatamento dos dois. A protagonista sempre fica surpresa com a extensão do próprio

prazer e com a “capacidade” do homem em despertá-lo. É enfatizado o contraste entre a experiência masculina e a in experiência feminina. A linguagem é muito contida. Não se pode, nesse caso, falar de sexo fora do casamento, mas em “antes” do casamento, pois esse é o desfecho de praticamente todas as histórias.

O herói costuma passar por um processo de conversão: de conquistador inveterado, a futuro homem de família. Já a heroína muda pouco no decorrer da história. Não há nada do que redimi-la.

Muito além de perguntas e respostas

Em sua fértil obra, fincada na Educação, Filosofia, Sociologia e Comunicação, Edgar Morin resgata, transcende e reafirma alguns conceitos. O mais importante deles é o de complexidade. Para o pensador, a dinâmica da vida e do mundo é irreduzível a fórmulas ou explicações únicas (MORIN:2007). Não pode ser aprisionada a meros rótulos. A busca de respostas, portanto, deve partir de uma premissa: a necessidade de diálogo entre os saberes, a exigência de se respeitar, na pesquisa, a complexidade inerente dos objetos. Complexidade presente, inclusive, na ação do pesquisador que ao olhar o mundo também se enxerga.

Os romances sentimentais da Nova Cultural são obras complexas. Dialogam com a tradição do romance, em que os personagens são pressionados pelos acontecimentos. Os sentimentos são confrontados pela ação. Natureza e cultura se embatem. Caos e ordem se enfrentam. O dilema do romance é o dilema da vida: o amor é o fator desestabilizador da ordem tradicional e o deflagrador do novo, que por sua vez dará origem a uma nova ordem.

Mas há outros ecos, mais antigos, nos homens e mulheres dessas séries do coração. Eles também dialogam, de forma complexa, com as tragédias gregas. Parecem fortemente pré-determinados. Dessa forma, justificam-se os arroubos iniciais, o rápido enamoramento e o sentimento de fusão que movem os amantes. Ninguém está no comando, talvez apenas o destino que dá as cartas e não pede com licença ou por favor.

Para completar o tripé de influências, essas obras se inscrevem na tradição contemporânea, recentíssima, mas muito forte, da Indústria Cultural, que não é, em si, um espaço original, mas um porto para o qual confluem e no qual interagem outras

tantas tradições artístico-cultuais. A especificidade da Indústria Cultural talvez seja a capacidade de mesclar diversas contribuições e não lhes dar o crédito, transformando-as em um produto único, com apenas um sotaque, com a pretensão de homogeneidade.

Não se pode pensar num produto como esses sem falar em fórmulas. Mas essas fórmulas também são complexas. Adaptam-se ao ritmo, ao estilo, às exigências do meio no qual são veiculadas. Nesse caso, o meio é o impresso, e as obras se voltam para leitoras solitárias, que buscam a fruição individual, cujo tempo de leitura é cindido pelas atividades do cotidiano: subir e descer do ônibus ou metrô, atender a um telefonema, preparar uma refeição, responder a uma demanda do trabalho. Nesses livros/revistas, incorporam-se ao “estilo” dos autores as digressões, as retomadas exaustivas de uma mesma ideia, os capítulos que não se completam, mas se somam, até se repetem. A sensação de que aquilo já foi lido antes não é uma decorrência somente da repetição de enredos e motes nas diferentes revistas e edições, mas inclusive, dessas idas e voltas num mesmo livro/revista. A repetição reproduz o tempo interior dos leitores/leitoras.

Também é complexo o processo de leitura dessas séries sentimentais. É como se elas propusessem uma leitora que fosse uma prisioneira do tempo: alguém com uma forma de ver o mundo muito distante da hegemônica atualmente, em que o sucesso profissional ocupa um lugar privilegiado, bem como a desconfiança em relação aos príncipes encantados e aos amores únicos.

Essa leitora não é meramente obsoleta, ela é uma sobrevivente de uma série de valores como virgindade, romantismo, fidelidade, recato, esperança. Com Edgar Morin podemos perceber que não há uma morte ou substituição de paradigmas, mas a coexistência de diferentes modelos, às vezes em harmonia, às vezes em embate. A leitora desses romances é potencialmente uma guardiã ou simpatizante de um ideal romântico que não está acabado, apenas soterrado por outras premissas.

Questões de gênero

As injunções acerca do ideal romântico, propagados em fontes diversas, tais como os produtos midiáticos ora em análise, têm sido abordadas por estudiosas feministas e de gênero como uma das possibilidades para se compreender as implicações no processo de subjetivação das mulheres. Tomando-se como premissa o

fato de que a subjetivação é a resposta individual à interpelação social, Navarro-Swain observa que, no caso das mulheres

é imposto um dispositivo amoroso, composto de traços anunciados como femininos, valores morais específicos: o dom de si, a abnegação, o cuidado com o outro, o amor, a realização amorosa como coroação de uma existência. O processo de subjetivação, portanto, não se faz em busca de si, senão do outro, em um quadro histórico que lhe dá significação (2006: 12).

Como foi dito anteriormente, as personagens femininas dessas publicações parecem ter passado a vida em um estado de semiletargia, como se dormissem um sonho eterno revivendo a saga de *Bela Adormecida*. O cavaleiro que as desperta não vem montado a cavalo nem tem de percorrer florestas íngremes, entretanto, se olharmos com atenção, é o mesmo mito, revisitado e redimensionado por valores contemporâneos, tais como o cenário urbano das grandes cidades ou de ilhas paradisíacas; a atividade sexual antes do casamento ou o exercício profissional das heroínas.

Entretanto, essas duas novas representações associadas às mulheres – a atuação profissional e a sexualidade ativa – são frágeis, visto que as personagens sucumbem facilmente diante da tradição, quando confrontadas com o aceno da felicidade advinda da adesão ao amor romântico. Observe-se, em primeiro lugar, a questão relativa ao trabalho. Ter uma profissão não indica que serão financeiramente independentes dos futuros maridos. O que elas fazem não significa nada diante da fortuna que os seus galãs possuem ou do poder que eles usufruem. A importância econômico/social das garotas é irrelevante. Não há vislumbre de mulheres que lutam pela ascensão no mercado de trabalho ou que desejem ocupar cargos de chefia. Elas são as donzelas à espera do príncipe.

Quanto à sexualidade, não podem ser consideradas independentes, visto que o prazer é dado por outrem, no caso, o homem: forte, viril, charmoso, detentor da fórmula mágica da felicidade sexual. Se por um lado, a habilidade sexual deles advém da sua longa experiência anterior, elas, por seu turno, são virgens ou quase.

Românticas, casadoiras e ingênuas, essas são as principais características das heroínas da tríade **Júlia**, **Sabrina** e **Bianca**. O que podemos tomar como um conjunto representacional expressivo senão dominante. As representações sociais, segundo

Jodelet “são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos elementos (...) informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.” (2001: 21).

O estudo das representações permite-nos, portanto, acessar elementos presentes na vida social e, dessa forma, compreendermos como os diversos grupos se pensam e se constroem. No caso específico deste ensaio encontramos presentes nas histórias e nas personagens femininas ecos de um padrão cultural que propõe que as mulheres são serem complementares aos homens, destinadas a amar e a abraçar uma vida de doação aos outros, já que a realização amorosa implica casamento, filhos e cuidados com a casa. A leitora dessas histórias vê-se enredada em um mundo de fantasias e êxtase cujas consequências são fazê-la retornar ao papel de subalterna.

De acordo com Kellner “as diversas formas da cultura veiculada pela mídia induzem os indivíduos a identificar-se com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes” (2001: 11). Sem fatalismos ou movidos pela ideia equivocada de que a recepção é um processo de causa e efeito, linear e de mão única, o fato é que não é possível desconsiderar as implicações de gênero contidas nas revistas: homens e mulheres separados por diferentes espaços sociais, movidos por desejos díspares, todavia complementares, e destinados ao casamento e ao ideal de uma felicidade conjugal.

Referências

- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. S.Paulo: Edusc, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.
- JODELET, Denise. **As Representações Sociais: Um Domínio em Expansão** in **Representações Sociais** (org. Jodelet, Denise). Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. “Cuerpos Construídos, Superfícies de Significación, Processo de Subjetivación” in **Perfiles del Feminismo**

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132

Iberoamericano/3, Catálogos de Buenos Aires. Org.: FEMENIAS, Maria Luisa. Argentina, 2006.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

ⁱ Elen Gerales é jornalista, Mestre em Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP, Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília – UnB, professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília – UCB.

ⁱⁱ Liliane Machado é jornalista, professora, Mestre e Doutora em História pela Universidade de Brasília – UnB e professora do programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília - UCB.